

CADERNO DE QUESTÕES

2º DIA **GRUPOS 3 e 4**
09/06/2014
Geografia
História
Redação

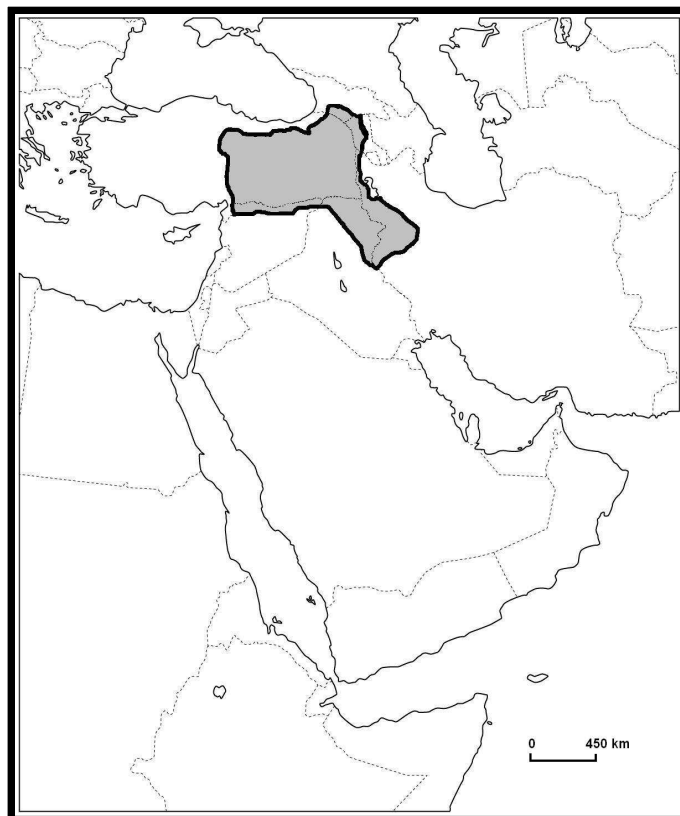
SÓ ABRA ESTE CADERNO QUANDO AUTORIZADO

LEIA ATENTAMENTE AS INSTRUÇÕES

1. Quando for permitido abrir o caderno, verifique se ele está completo ou se apresenta imperfeições gráficas que possam gerar dúvidas. Caso contenha defeito, solicite ao aplicador a sua troca.
2. Este caderno contém as provas de Geografia, com 6 questões, de História, com 6 questões, e a prova de Redação. Utilize apenas os espaços em branco deste caderno para rascunho.
3. Verifique se os seus dados constantes na parte inferior da capa dos cadernos de respostas estão corretos. Caso contenham erros, notifique-os ao aplicador de prova.
4. As questões deverão ser respondidas com caneta esferográfica de tinta preta fabricada em material transparente nos cadernos de respostas de cada prova. Resoluções a lápis **NÃO** serão corrigidas e terão pontuação zero.
5. Respostas elaboradas no verso e nos espaços que contenham a instrução “NÃO UTILIZAR ESTE ESPAÇO” não serão consideradas na correção.
6. Questões respondidas fora do local adequado, ou seja, no local destinado a outra questão, mesmo que identificada a troca, **NÃO** serão corrigidas e terão pontuação ZERO.
7. Os cadernos de respostas serão despersonalizados antes da correção. Para a banca corretora, você será um candidato anônimo. Desenhos, recados, orações ou mensagens, inclusive religiosas, nome, apelido, pseudônimo ou rubrica escritos na folha de respostas são considerados elementos de identificação. Se houver alguma ocorrência de caso como os mencionados anteriormente, sua prova será desconsiderada e atribuir-se-lhe-á pontuação ZERO.
8. As provas terão duração de cinco horas, já incluídos nesse tempo a coleta de impressão digital e o preenchimento dos cadernos de respostas.
9. Você só poderá se retirar definitivamente da sala e do prédio a partir das 17h30min.
10. AO TERMINAR, DEVOLVA OS CADERNOS DE RESPOSTAS AO APLICADOR DE PROVA.

GEOGRAFIA**— QUESTÃO 1 —**

Analise o mapa a seguir.



Disponível em: <mapasinteractivos.didactalia.net/comunidad/mapasflashinteractivos/recurso/mapa-de-paises-de-oriente-medio-freemap>. Acesso em: 15 maio 2014. (Adaptado).

A região em destaque é o Curdistão, que abriga cerca de 26 milhões de curdos, a mais numerosa etnia sem estado no mundo. Essa etnia nativa das áreas montanhosas vive nessa região há 8 mil anos. Em 1923, alguns governos dos países participantes da I Guerra Mundial dividiram a área ao assinarem o Tratado de Lausanne, que espalhou os curdos por sete países. Considerando o mapa e o texto apresentados,

a) escreva os nomes de quatro países que estão na área do Curdistão;

(2,0 pontos)

b) cite dois recursos naturais de importância geopolítica presentes na área ocupada pelos curdos.

(3,0 pontos)

— QUESTÃO 2 —

Leias os textos a seguir.

Além de causas naturais, a fragmentação do bioma Cerrado em Goiás tem sido associada à expansão das atividades humanas, resultando em uma expressiva quantidade de fragmentos vegetacionais, distribuídos de forma desigual, formando muitos grupos pequenos e isolados.

CUNHA, H. F.; FERREIRA, A. A.; BRANDÃO, D. Composição e fragmentação do Cerrado em Goiás usando Sistema de Informação Geográfica (SIG). *Boletim Goiano de Geografia*. Goiânia, v. 27, n. 2, jan.-jun., 2007. p. 139-152. (Adaptado).

Art.1º Corredor entre remanescentes caracteriza-se como sendo faixa de cobertura vegetal existente entre remanescentes de vegetação primária, em estágio médio e avançado de regeneração [...].

Disponível em: <www.mma.gov.br/port/conama/res/res96/res0996.html>. Acesso em: 17 abr. 2014. Resolução n. 09 de 24 out. 1996.

Considerando os textos apresentados,

a) descreva um fator que evidencia a importância direta dos corredores ecológicos para a conservação da biodiversidade do Cerrado;

(3,0 pontos)

b) cite uma atividade humana que contribuiu para a apropriação e consequente fragmentação do Cerrado goiano.

(2,0 pontos)

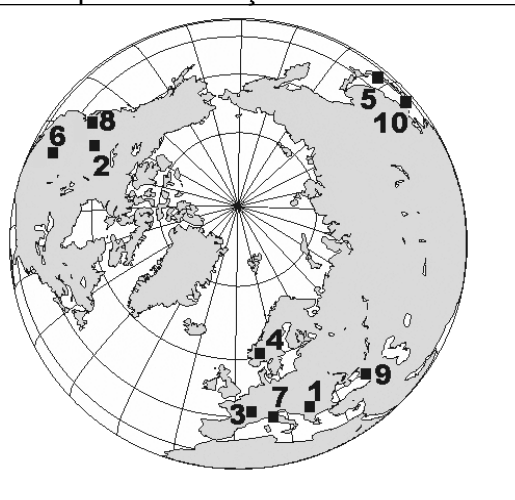
— QUESTÃO 3 —

Leia a tabela e o mapa a seguir.

Tabela – Cidades-sede dos Jogos de Inverno

Número no mapa	Anos	Cidades-sede	Países
1	1984	Sarajevo	Iugoslávia
2	1988	Calgary	Canadá
3	1992	Albertville	França
4	1994	Lillehammer	Noruega
5	1998	Nagano	Japão
6	2002	Satl Lake City	EUA
7	2006	Turim	Itália
8	2010	Vancouver	Canadá
9	2014	Sóchi	Rússia
10	2018	Pyeongchang	Coreia do Sul

Mapa - Localização das cidades-sede



Disponível em: <www.olympic.org/olympic-games>. Acesso em: 15 maio 2014. (Adaptado).

Disponível em: <mapasinteractivos.didactalia.net/comunidad/mapasflashinteractivos/>. Acesso em: 15 mai. 2014. (Adaptado).

Os Jogos de Inverno são uma versão das olimpíadas para desportos praticados sobre o gelo e a neve. Alguns desportos são praticados em ambientes fechados, tal como a patinação artística, enquanto outros ocorrem em ambientes ao ar livre, como o esqui. Considerando a localização dos países e cidades-sede dos Jogos de Inverno, conforme o mapa,

a) apresente três características fisiográficas das cidades-sede dos Jogos de Inverno que justificam o motivo da escolha dessas cidades para sediar tal evento;

(3,0 pontos)

b) escreva o nome do continente em que ocorreu a maioria dos Jogos de Inverno, de acordo com a tabela.

(2,0 pontos)

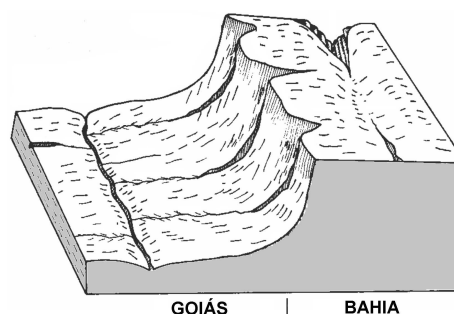
— QUESTÃO 4 —

Analise as figuras e o quadro apresentados a seguir.

Figura 1



Figura 2



CARVALHO, L. M.; RAMOS, M. A. B. (Org.). *Geodiversidade do estado da Bahia*. Salvador: CPRM, 2010. p. 93 (Adaptado).

CASSETI, V. *Elementos de geomorfologia*. Goiânia: Editora da UFG, 1994. p. 111. (Adaptado).

Quadro 1 - Características do relevo, solos e estrutura geológica dos terrenos do oeste da Bahia.

RELEVO	SOLOS E ESTRUTURA GEOLÓGICA
<ul style="list-style-type: none"> - Grandes extensões com formas de topos suavizados e de fácil manejo. - Tabuleiros, planaltos, platôs, chapadas, colinas, morros baixos e domos, escarpas e vales encaixados. 	<ul style="list-style-type: none"> - Predomínio de sedimentos arenosos e arenitos associados a bacias sedimentares. - Solos predominantemente arenosos e profundos, com baixa fertilidade natural, que respondem bem à adubação.

CARVALHO, L. M.; RAMOS, M. A. B. (Org.). *Geodiversidade do estado da Bahia*. Salvador: CPRM, 2010. p. 93. (Adaptado).

As Figuras 1 e 2, e as informações do Quadro 1 correspondem às coberturas arenosas que ocorrem em grande parte do oeste do estado da Bahia, na divisa com o estado de Goiás, na microrregião do Vão do Paranã. Considerando este contexto,

a) cite um tipo de produto agrícola cultivado neste tipo de terreno predominante no oeste do estado da Bahia;

(2,0 pontos)

b) descreva dois impactos ambientais causados pela atividade econômica predominante na localidade referenciada e destacada nas figuras e no quadro, apresentados.

(3,0 pontos)

— QUESTÃO 5 —

Analise a tabela e o mapa a seguir.

PAÍSES AFRICANOS COM IDH ACIMA DE 0,5					
1990		2010			
Maurício	0,794	Líbia	0,847	Comores	0,576
Seichelles	0,761	Seichelles	0,845	Suazilândia	0,572
África do Sul	0,673	Maurício	0,804	Angola	0,561
Líbia	0,658	Tunísia	0,769	Madagascar	0,543
Tunísia	0,600	Gabão	0,755	Quênia	0,541
Botsuana	0,552	Argélia	0,754	Sudão	0,531
Argélia	0,528	Guiné Equatorial	0,719	Tanzânia	0,530
Gabão	0,503	Cabo Verde	0,708	Gana	0,526
		Egito	0,703	Camarões	0,523
		Botsuana	0,694	Djibuti	0,520
		Namíbia	0,686	Mauritânia	0,520
		África do Sul	0,683	Lesoto	0,514
		Marrocos	0,654	Uganda	0,514
		São Tomé e Príncipe	0,651	Nigéria	0,511
		Congo	0,601		

Disponível em: <www.africaneconomicoutlook.org/human_development>. Acesso em: 10 abr. 2014.



Disponível em: <grupodamantnad6a5.wordpress.com>. Acesso em: 15 abr. 2014. (Adaptado).

O IDH é a referência mundial para avaliar o desenvolvimento humano a longo prazo. O índice, que varia de 0 a 1, é feito a partir de três variáveis. Países com índices entre 0,50 e 0,79 são considerados de médio desenvolvimento humano. A tabela apresenta o aumento do IDH de alguns países africanos entre 1990 e 2010. Com base no exposto,

a) identifique, assinalando no mapa, um país africano do hemisfério norte, banhado pelo Mar Mediterrâneo e um país do hemisfério sul, banhado pelo Oceano Índico, que tiveram seu IDH aumentado entre 1990 e 2010;

(2,0 pontos)

b) enumere as variáveis que definem o IDH.

(3,0 pontos)

— QUESTÃO 6 —

Analise a figura a seguir.



Disponível em: <www.acrissul.com.br/noticias/ver/confinamento-em-2002-aumentará-desfrute-na-pecuária-de-corte-do-ms>. Acesso em em 11 Abr. 2014

A pecuária sempre foi uma atividade econômica de grande importância no Brasil, que é o segundo maior produtor de gado no mundo. Considerando a imagem apresentada,

a) nomeie o setor da economia ao qual a atividade da imagem está relacionada e descreva esse setor;

(3,0 pontos)

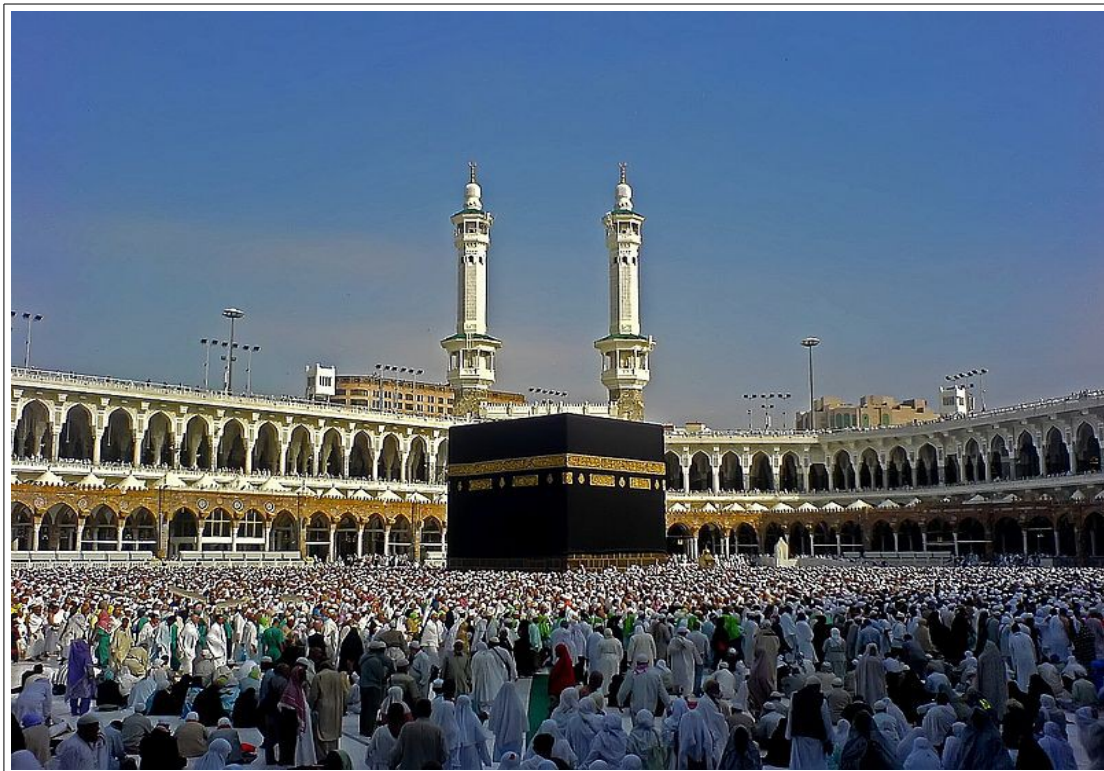
b) descreva um impacto ambiental provocado pela atividade ilustrada na imagem apresentada.

(2,0 pontos)

HISTÓRIA

— QUESTÃO 7 —

Analise a imagem a seguir.



Disponível em: <en.wikipedia.org/wiki/Hajj> Acesso em: 25 abr. 2014.

A imagem retrata um ritual religioso realizado periodicamente na cidade de Meca, na Arábia, pelos muçulmanos desde o século VII. Diante do exposto,

a) identifique o evento retratado e explique o seu significado para a religião muçulmana.

(2,0 pontos)

b) explique a importância de Meca no processo de unificação da Península Arábica no século VII.

(3,0 pontos)

— QUESTÃO 8 —

Leia o texto a seguir.

Somos prejudicados pelos nossos senhores, que se apoderam de nossas florestas. Se o pobre precisa de lenha, tem que pagar o dobro por ela. Nós somos de opinião que deve ser restituída à comunidade toda e qualquer floresta que se encontre nas mãos de leigos ou religiosos que não a adquiriram legalmente. [...] Preocupam-nos os serviços que somos obrigados a prestar e que aumentam dia a dia. Exigimos que esse assunto seja examinado, a fim de que não sejamos sobrecarregados. [...] Não queremos que nosso senhorio aumente suas exigências, mas que se atenha ao acordo estabelecido entre ambas as partes.

MANIFESTO DOS CAMPONESES, datado de 1525. In: MARQUES, Adhemar Martins; BERUTTI, Flávio Costa; FARIA, Ricardo de Moura. *História Moderna através de textos*. São Paulo: Contexto, 1990. p. 128. (Adaptado).

O texto destacado consiste em trechos do manifesto elaborado pelo movimento camponês da Alemanha no século XVI durante a chamada Reforma Protestante. A partir do documento e de seu contexto histórico, explique:

a) as críticas e as reivindicações do movimento camponês expressas no manifesto.

(2,5 pontos)

b) a reação de Martinho Lutero e da nobreza alemã diante da revolta camponesa.

(2,5 pontos)

— QUESTÃO 9 —

Analise as imagens a seguir.



INDEPENDÊNCIA OU MORTE ou O GRITO DO IPIRANGA, de Pedro Américo, óleo sobre tela, 1888. São Paulo: Museu Paulista.



PROCLAMAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA, de François-René Moreaux, óleo sobre tela, 1844. Petrópolis: Museu Imperial.

As duas pinturas representam a Proclamação da Independência do Brasil (1822) e a figura de D. Pedro I. Com base na análise comparativa das imagens,

a) explique as diferenças de sentido nas representações das imagens do príncipe D. Pedro I, da guarda real e do povo, em cada uma das pinturas.

(2,5 pontos)

b) descreva um elemento comum a ambas as pinturas que corrobora uma mesma concepção de história e explique que concepção de história é essa.

(2,5 pontos)

— QUESTÃO 10 —

Analise a imagem a seguir.



Disponível em: <http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/57/Villa_y_Zapata.jpg>. Acesso em: 14 abr. 2014.

A foto apresentada, tirada há exatamente um século, em 1914, retrata o primeiro encontro de dois líderes da Revolução Mexicana, quando as tropas da Soberana Convenção Revolucionária tomaram a Cidade do México e o Palácio Nacional: Francisco (Pancho) Villa, ocupando simbolicamente a cadeira presidencial e, à sua esquerda, Emiliano Zapata.

a) Considerando o exposto, caracterize esses líderes quanto às suas origens e às suas principais motivações dentro do movimento revolucionário.

(3,0 pontos)

b) Dada a heterogeneidade social e política dos grupos participantes da Revolução Mexicana, tal encontro – especialmente pelo simbolismo desses líderes da revolução estarem “ocupando” a cadeira presidencial – desagradou outra facção que também liderava essa etapa do processo revolucionário. Identifique tal facção e explique porque esse encontro a desagradou.

(2,0 pontos)

— QUESTÃO 11 —

Leia o texto a seguir.

A bola não demorou a entrar no clima nacionalista do Estado Novo, durante a ditadura instalada por Vargas naquele ano de 1937. A pátria começava a calçar as chuteiras para não tirá-las nunca mais. Desde o início de 1938, três meses antes do início da terceira Copa do Mundo, na França, a expectativa que envolvia a participação brasileira era enorme. Mediado pelos jornais e, sobretudo, pelo rádio, o encontro da popularidade do futebol com os ideais do Estado Novo contagiava e unia todo o país. Os jogadores eram vistos como nossos embaixadores na Europa, e deles se esperava o mesmo que então se exigia de cada cidadão comum: coragem, disciplina e patriotismo acima de tudo. Eram esses os ingredientes que alimentavam o sonho de fazer do Brasil tanto uma grande nação quanto campeão mundial de futebol. Constantes referências a Getúlio e aos altos interesses do país legitimavam o caráter oficial da delegação, reforçado ainda pela escolha da filha do presidente, Alzira Vargas, como madrinha da equipe. Tamanha mobilização fez do embarque da seleção rumo à França uma apoteose patriótica.

FRANZINI, Fábio. Quando a pátria calçou chuteiras. In: *Revista de História da Biblioteca Nacional*, 30 jun. 2009. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br>>. Acesso em: abr. 2014. (Adaptado).

O texto apresentado se refere ao contexto histórico e político do Brasil que envolveu a participação da seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo de 1938, na França. De acordo com esse parágrafo e o contexto ao qual ele remete,

a) identifique o ideal, destacado reiteradamente no texto, que deveria ser seguido pelos jogadores brasileiros, segundo a propaganda do Estado Novo.

(2,0 pontos)

b) explique os propósitos do Estado Novo varguista ao propagar a identidade entre o povo brasileiro, o futebol e a nação.

(3,0 pontos)

— QUESTÃO 12 —

Leia o fragmento a seguir.

Ser quilombola, no contexto atual, é ter uma relação íntima com a terra em que habitaram seus antepassados. Assim sendo, devemos distinguir as especificidades da luta dos quilombolas ao longo do período escravista como distinta da dos remanescentes de quilombos no contexto atual.

RODRIGUES, M. S. Quilombolas. In: STARLING, H. M. M.; BRAGA, P. de C. (Org.) *Sentimentos da terra*. Belo Horizonte: Editora PROEX, 2013. p.191-192. (Adaptado).

No fragmento apresentado, o autor estabelece uma diferença entre a luta dos quilombolas do período colonial e imperial e dos remanescentes de quilombos no período atual. Diante do exposto, explique as diferenças entre

a) a luta dos quilombolas nos dois períodos.

(2,5 pontos)

b) o posicionamento do Estado diante da luta dos quilombolas nos dois períodos.

(2,5 pontos)

REDAÇÃO

Instruções

Você deve desenvolver seu texto em um dos gêneros apresentados nas propostas de redação. O tema é único para as três propostas. O texto deve ser redigido em prosa. A fuga do tema ou a cópia da coletânea anula a redação. A leitura da coletânea é obrigatória. Ao utilizá-la, você não deve copiar trechos ou frases. Quando for necessária, a transcrição deve estar a serviço do seu texto. Independentemente do gênero escolhido, o seu texto **NÃO** deve ser assinado.

Tema

Experiências estéticas e práticas éticas nas relações sociais

Coletânea

1.



O vácuo estético e ético

Disponível em: <<http://espectativas.wordpress.com/2011/01/21/a-nova-barbarie-politica-e-o-novo-totalitarismo/>>. Acesso em: 17 abr. 2014.

2. A ética, questão de vida ou morte

A preocupação ética cresceu muito nos últimos anos no Brasil e no estrangeiro, mas sobretudo aqui. Penso que tem a ver com o crescimento da sociedade brasileira, ou melhor, com o crescimento do que chamamos “a sociedade”. Infelizmente, em países marcados como o nosso pela desigualdade, “a sociedade” não se refere a toda a população. Sempre foram muitos os excluídos. Mas a novidade é que diminuiu o número deles.

Vejamos o trânsito. Funcionou bem, enquanto tinham carro apenas três ou cinco por cento dos brasileiros. O tráfego fluía. Era fácil guiar e estacionar. Mas, hoje, metade das viagens realizadas na cidade de São Paulo é por carro.

Não dá. É claro que toda pessoa que já pensou no trânsito sabe que o transporte individual tem de ser a exceção, não a regra. Mas o que fazer, quando na maior parte de nossas cidades o ônibus é a vala comum na qual as classes abonadas não querem se meter e da qual os mais pobres querem escapar? Ter um carro, ainda que caindo aos pedaços, passa a ser um sinal mínimo e necessário de dignidade.

Porque dignidade e cidadania não são palavras abstratas, de teor apenas cívico: têm a ver com o conforto. É errado pensar que o civismo se mede só pelos símbolos nacionais ou pela dedicação ao bem comum. Ele está no respeito ao outro. É por isso que, quando o conforto é negado a quem se vale do ônibus, ter um carro se torna distintivo do cidadão. É um distintivo errado e destrutivo a médio prazo, pela poluição e engarrafamentos que causa, mas é um distintivo.

O que tem isso a ver com a ética? Duas coisas. A primeira é que a educação e as boas maneiras têm forte sentido ético. Aliás, alguns até derivam a palavra “etiqueta”, no sentido das regras de comportamento, do termo “ética”, como se a etiqueta fosse a pequena ética, a “small morals”, que lida não com os princípios mas com as regras.

Essa etimologia é errada (*etiqueta* vem do rótulo que se colocava nos processos e, por extensão, significa rotu-

lar as pessoas pela sua classe social), mas rica: mostra que tratar bem o outro é sinal de respeito. E o respeito é um dever ético, é um valor que atribuímos aos nossos semelhantes, justamente para assinalar que são nossos iguais, que não nos consideramos melhores que eles.

Chego assim ao segundo ponto. O Brasil funcionou, enquanto a desigualdade era aceita socialmente. Não se via maior problema em uma pessoa furar a fila, se ela tivesse certas características que a faziam superior – a beleza, o charme, a “boa aparência” (expressão cujo significado, como se vê nas novelas, era “não ser negro”), a riqueza. Isso era detestável, mas a sociedade aceitava razoavelmente a desigualdade.

Nossa sociedade não deixou de ser desigual, nem acabou a exclusão, mas aumentou incrivelmente o desejo de inclusão. É o que leva os mais pobres, já sem esperança num transporte coletivo decente, a comprar carros. Esse é o nosso equivalente das “invasões bárbaras”, de que fala o filme canadense. Como se negou e se nega aos mais pobres a cidadania, eles a tomam por si próprios – e isso se dá de maneira altamente conflituosa. Nosso trânsito é uma guerra social. [...]

Ora, isso quer dizer que aqueles que podiam furar a fila – falei no banco, mas pode ser o restaurante chique, a loja de bom atendimento, qualquer lugar – também aumentaram em proporção. Passar na frente dos outros, com a aceitação resignada ou mesmo prazerosa deles, é uma coisa quando são raros os que o fazem. Mas, quando muitos começam a querer isso, se torna intolerável.

Em nossa sociedade, adotamos então recursos indiretos para manter a desigualdade. Quem pode, manda um boy para o banco. Ou usa a Internet para o acesso. Ou se torna um cliente, não apenas especial, porque muitos já o são, porém vip, com guichê escondido para você. Ou dá um jeito de passar na frente discretamente, quase envergonhado: porque, antigamente, furar na fila era já um sinal de distinção.

Voltemos então à ética. Nas colunas anteriores, sustentei que a ética não é abstrata, um conjunto de princípios genéricos sem relação com a vida social, que devemos impor a todo custo. O fato é que, se o Brasil hoje fala tanto em ética, é porque chegamos à conclusão de que um mínimo de respeito ao outro é necessário para sermos, nós mesmos, respeitados.

Aumentou a classe média, e portanto até os abonados percebem que, se continuar a regra (ou a des-regra) de furar a fila, eles mesmos serão prejudicados. Ou seja, também quem está bem na vida sabe que precisa seguir a regra comum. Também a elite começa a ver que passou a depender de princípios éticos para sobreviver.

Por outro lado, os pobres não acham mais “bonito não ter o que comer”, para citar fora de contexto um verso de “Amélia”, uma das mais belas canções de Mário Lago. Ver o outro passar na sua frente não é mais aceitável. Daí que falemos tanto em ética: a sociedade brasileira foi tomando consciência de que, na guerra de todos contra todos, valores como o do respeito, o da igualdade e o da liberdade são fundamentais. Ou eles, ou o caos. [...]

RIBEIRO, Renato Janine. Disponível em: <<http://www.renatojanine.pro.br/Etica/colunaaol.html>>. Acesso em: 31 mar. 2014.

3. "O empregado tem carro e anda de avião. E eu estudei pra quê?"

Dia desses, um amigo voltou desolado de uma reunião de condomínio e resolveu desabafar no Facebook: “Ontem, na assembleia de condomínio, tinha gente ‘revoltada’ porque a lavadeira comprou um carro. ‘Ganha muito’ e ‘pra quê eu fiz faculdade’ foram alguns dos comentários. Um dos condôminos queria proibir que ela estacionasse o carro dentro do prédio, mesmo informado que a funcionária paga aluguel da vaga a um dos proprietários”.

A cena parecia saída do filme *O Som ao Redor*, de Kleber Mendonça Filho, no qual a demissão de um veterano porteiro é discutida em uma espécie de “paredão” organizado pelos condôminos. No caso do prédio do meu amigo, a moça havia se transformado na peça central de um esforço fiscal. Seu carro-ostentação era a prova de que havia margem para cortar custos pela folha de pagamento, a começar por seu emprego. A ideia era baratear a taxa de condomínio em 20 reais por apartamento.

Sem que se perceba, reuniões como esta dizem mais sobre nossa tragédia humana do que se imagina. A do Brasil é enraizada, incolor e ofuscada por um senso comum segundo o qual tudo o que acontece de ruim no mundo está em Brasília, em seus políticos, em seus acordos e seus arranjos. Sentados neste discurso, de que a fonte do mal é sempre a figura distante, quase desmaterializada, reproduzimos uma indignação humana e moral da qual fazemos parte e nem nos damos conta.

Dias atrás, outro amigo, nascido na Colômbia, me contava um fato que lhe chamava a atenção ao chegar ao Brasil. Aqui, dizia ele, as pessoas fazem festa pelo fato de entrarem em uma faculdade. O que seria o começo da caminhada, em condições normais de pressão e temperatura, é tratado muitas vezes como fim da linha pela cultura local da distinção. O ritual de passagem, da festa dos *bixos* aos carros presenteados como prêmios aos filhos *campeões*, há uma mensagem quase cifrada: “você conseguiu: venceu a corrida principal, o funil social chamado vestibular, e não tem mais nada a provar para ninguém. Pode morrer em paz”. [...] O sujeito tem motivos para comemorar quando entra em uma faculdade no Brasil porque, com um diploma debaixo do braço, passará automaticamente a pertencer a uma casta superior. Uma casta com privilégios inclusive se for preso. Por isso comemora, mesmo que saia do curso com a mesma bagagem que entrou e com a mesma condição que nasceu, a de indigente intelectual, insensível socialmente, sem uma visão minimamente crítica ou sofisticada sobre a sua realidade e seus conflitos. É por isso que existe tanto babeta com ensino superior e especialização. Tanto médico que não sabe operar. Tanto advogado que não sabe escrever. Tanto psicólogo que não conhece

Freud. Tanto jornalista que não lê jornal.

Função social? Vocação? Autoconhecimento? Extensão? Responsabilidade sobre o meio? Conta outra. Com raras e honrosas exceções, o ensino superior no Brasil cumpre uma função social invisível: garantir um selo de distinção.

Por isso, comemora-se também ao sair da faculdade. Já vi, por exemplo, coordenador de curso gritar, em dia de formatura, como líder de torcida em dia de jogo: “você, formandos, são privilegiados. Venceram na vida. Fazem parte de uma parcela minoritária e privilegiada da população”; em tempo: a formatura era de um curso de odontologia, e ninguém ali sequer levantou a possibilidade de que a batalha só seria vencida quando deixássemos de ser um país em que ter dente era (e é), por si, um privilégio.

Por trás desse discurso está uma lógica perversa de dominação. Uma lógica que permite colocar os trabalhadores braçais em seu devido lugar. Por aqui, não nos satisfazemos em contratar serviços que não queremos fazer, como lavar, passar, enxugar o chão, lavar a privada, pintar as unhas ou trocar a fralda e dar banho em nossos filhos: aproveitamos até a última ponta o gosto de dizer “estou te pagando e enquanto estou pagando eu mando e você obedece”. Para que chamar a atenção do garçom com discrição se eu posso fazer um escarcéu se pedi batata frita e ele me entregou mandioca? Ao lembrá-lo de que é ele quem serve, me lembro, e lembro a todos, que estudei e trabalhei para sentar em uma mesa de restaurante e, portanto, *NEREÇO* ser servido. Não é só uma prestação de serviço: é um teatro sobre posições de domínio. Pobre o país cujo diploma serve, na maioria dos casos, para corroborar estas posições.

Por isso, o discurso ouvido por meu amigo em seu condomínio é ainda uma praga: a praga da ignorância instruída. Por isso, as pessoas se incomodam quando a lavadeira, ou o porteiro, ou o garçom, “invade” espaços antes cativos. Como uma vaga na garagem de prédio. Ou a universidade. Ou os aeroportos.

Neste caldo cultural, nada pode ser mais sintomático da nossa falência do que o episódio da professora que postou fotos de um “popular” no saguão do aeroporto e lançou no Facebook: “Viramos uma rodoviária? Cadê o glamour?”. (Sim, porque voar, no Brasil, também é, ou era, mais do que o ato de se deslocar ao ar de um local a outro: é lembrar os que rastejam por rodovias quem pode e quem não pode pagar para andar de avião).

Esses exemplos mostram que, por aqui, pobre pode até ocupar espaços cativos da elite (não sem nossos protestos), mas nosso diploma e nosso senso de distinção nos autorizam a galhofa: “lembre-se, você não é um de nós”. Triste que este discurso tenha sido absorvido por quem deveria ter como missão a detonação, pela base e pela educação, dos resquícios de uma tragédia histórica construída com o caldo da ignorância, do privilégio e da exclusão.

PICHONELLI, Matheus. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/a-empregada-ja-tem-carro-e-eu-estudei-pra-que-5156.html>>. Acesso em: 31 mar. 2014.

4.



Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=%C3%A9tica+e+est%C3%A9tica>>. Acesso em: 24 abr. 2014.

5. Luxo mais democrático

O publicitário José Luiz Tejon defende em livro que a sobrevivência das grifes depende de sua capacidade de incorporar os menos abastados.

O que há em comum entre um carro de 520 mil reais e o automóvel mais barato do mundo? Eles vêm do mesmo grupo empresarial, integrado pela inglesa Jaguar. Quanto custa o que é considerado um dos melhores sorvetes do planeta? Não mais do que módicos 2,30 reais (1 euro), no romano Palácio do Freddo. A maioria dos consumidores de celular no Brasil pertence aos setores mais abastados da sociedade, certo? Errado: cerca de 80% dos donos do aparelho vêm das classes C, D e E.

Se você derrapou em alguma das questões, não se preocupe: o mundo do consumo muda rápido mesmo. É disso que trata *Luxo for All*, livro recentemente lançado que se propõe a radiografar e analisar a ascensão do luxo popular, fenômeno que, defendem os autores (os especialistas em marketing e gestão organizacional José Luiz Tejon, Victor Megido e Roberto Panzarani), não pode mais ser ignorado por empresários, comerciantes e departamentos de marketing de companhias em qualquer latitude da Terra. [...]

Para quem quer se manter no topo do sucesso, o lema da vez é democracia ou morte. “Se você tem uma marca consagrada de alto luxo, seu futuro dependerá de sua capilaridade. As marcas têm de acompanhar a pirâmide sociológica. Porque, se você não fizer isso, outros o farão”, diz Tejon. [...]

Outra ideia defendida em *Luxo for All* é a de que já não é suficiente reverenciar somente os “4P’s” (preço, produto, praça e promoção) para garantir o êxito de um produto. O santíssimo quarteto do *marketing* precisa ser acompanhado agora pelos “4E’s”: excelência, estética, experiência e ética.

Por fim, preconizam, o marketing deve funcionar de forma “centrípeta”, e não mais “centrífuga”. Tem de prestar atenção ao que acontece nas bordas da sociedade, uma visão que poderia ser entendida como a contribuição publicitária à discussão contemporânea sobre a dissolução dos conceitos de centro e periferia. “O melhor dos mundos estará cada vez mais próximo da base da pirâmide”, vaticina Tejon. [...]

Carta Capital: O conceito de luxo para todos não encerra um paradoxo?

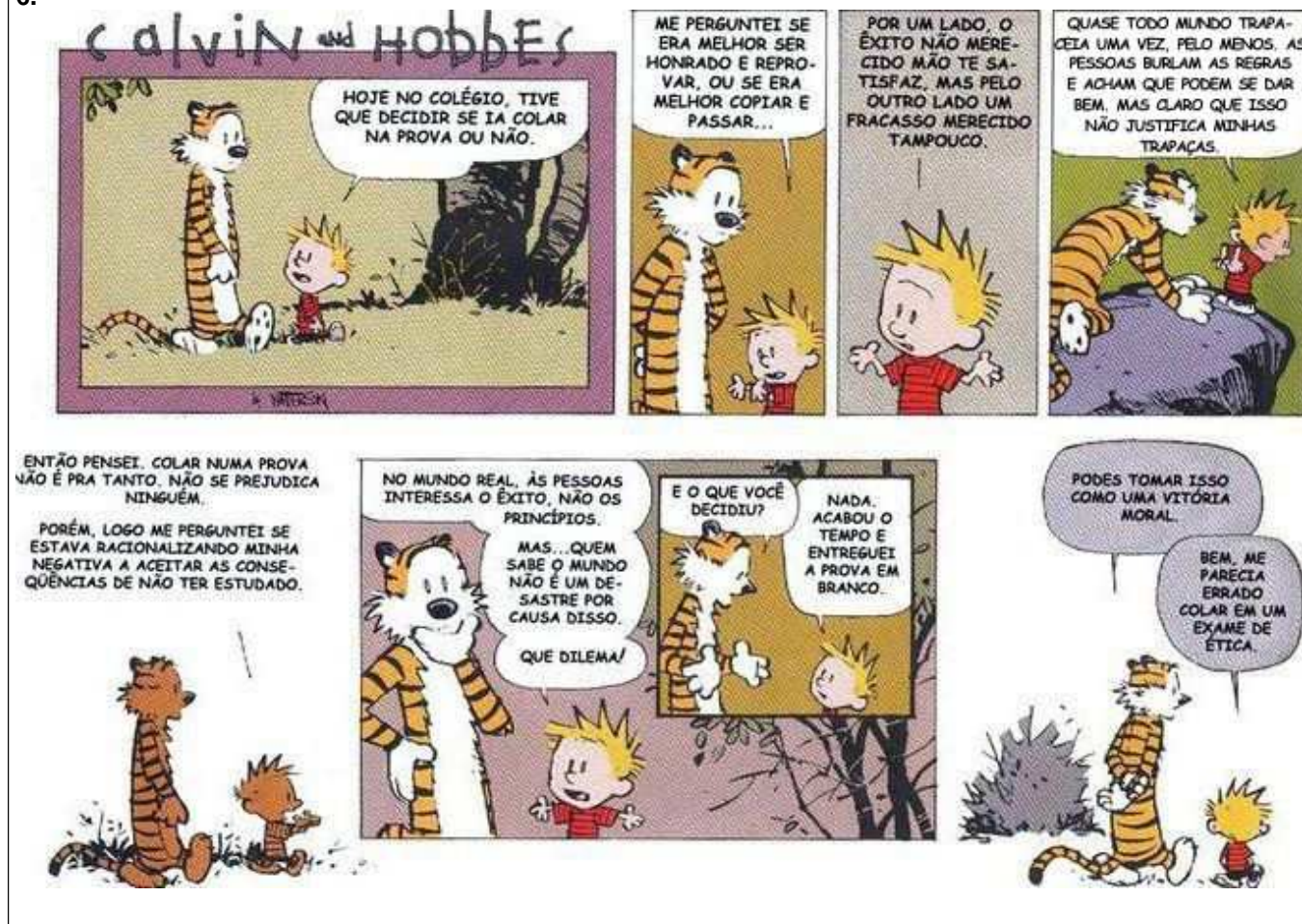
José Luiz Tejon: Trata-se de uma visão humanista. Tradicionalmente, o luxo é entendido como algo pertencente a um momento raro, que exclui. Mas, ao longo do tempo, coisas que no passado eram de grande exclusividade caíram no popular, mas isso levava séculos. O que vemos agora é uma mudança mais rápida. Com a ciência, a tecnologia, os fenômenos midiáticos, que são transcendentais das classes sociais, e depois da crise de 2008, em que os emergentes passaram a ter importância como um dos grandes responsáveis pelo crescimento do PIB do planeta, e mais outros fenômenos sociológicos, como o aumento das mulheres no mercado de trabalho, por tudo isso, o que era considerado um luxo há 30 anos passou a ser extremamente acessível. O exemplo mais nítido é o da telefonia. Há algumas décadas havia pessoas que possuíam centenas de aparelhos, os alugavam, era uma fortuna. Hoje, 17%-18% dos celulares são da classe AB, o resto se concentra nas classes emergentes. É um luxo que passa a ser acessível também em termos de acesso à saúde, qualidade de vida, direito a uma melhor educação. E marcas famosas que se restringiam a um *target* muito específico passaram a procurar negócios também em uma classe média global nova. A ideia do *outlet*, por exemplo, passa por aí. E um fenômeno: a marca que talvez seja a de maior *glamour* em automóveis, a Jaguar, hoje faz o carro mais barato do mundo, o Nano. Esses contrastes, inimagináveis há 20 anos, são hoje uma realidade.

Carta Capital: O luxo tradicional vincula-se ao desejo, por parte do consumidor, de reafirmar um estilo de vida. Em que valores ou promessas se apoia o novo luxo?

José Luiz Tejon: Dividimos o luxo em quadrantes. O luxo aristocrático, que envolve aspectos culturais, obras de arte, esportes finos, charutos etc., o luxo mais tradicional. Dentro disso temos ainda o luxo da opulência, aquele que ostenta o luxo material. Depois vem, já no plano mais acessível, aquilo que as pessoas das classes emergentes entendem como luxo, um carro bom, uma casa boa, viajar todo ano. Há ainda o luxo íntimo, formado por aquilo que dá satisfação pessoal, e o luxo filosófico, que é o frugal, aquilo do “eu não quero mais ter nem parecer, eu quero andar de bicicleta”. É aquela pessoa que transcendeu a necessidade da interpretação de si mesmo pela opulência ou de outro símbolo de status. [...]

MOTA, Denise. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/economia/luxo-mais-democratico>>. Acesso em: 31 mar. 2014.

6.

Disponível em: <<http://www.filosofia.com.br/charge.php?pg=1>>. Acesso em: 24 abr. 2014.

7. "Rolezinho", capitalismo e gente bonita

No capitalismo moderno distinções logicamente infundadas de classe, étnicas, religiosas, de gênero etc. são abolidas no direito posto e na ética das relações entre particulares e o Estado e mesmo entre particulares quando esteja envolvida nessa última relação o uso de ambiente de caráter público, mesmo que privado. Posso exigir que em minha lanchonete as pessoas em geral venham vestidas de um modo socialmente aceitável (regra geral) mas não posso impedir que pobres, mulheres ou afrodescendentes a frequentem (regra discriminatória que teria seu critério de discriminação não amparado em razão de ordem lógica). [...]

O que os jovens da periferia pretendiam com seus "rolezinhos" era um *footing* num dos poucos espaços públicos que têm segurança para tanto e que desde minha pré-adolescência são os espaços substitutivos das praças e da Rua Augusta, já que celebração, sedução e paquera juvenil, felizmente, ainda não se conseguiu acabar. Combinar socialmente um dia para que tal *footing* se realize é um pouco da essência do negócio. Nos tempos de meus pais era o domingo; no meu, os sábados ou os horários de hora de aula cabulada; nos dias de hoje, o que se combina pela internet.

Em vez do baile naquele dia, o "rolezinho" num espaço habitualmente frequentado por pessoas de elite. Nada de mais normal do sentido estrito da expressão (dentro da norma), afinal estamos em uma sociedade capitalista de classes, não em uma aristocracia estamental. Se resolve ficar sem carne na mesa um mês para pagar a entrada o pobre pode entrar no cinema frequentado pelo rico, é a regra do jogo. Do mesmo modo o rico paga para desfilar na escola de samba. É a regra do jogo.

Classe social, hábitos de vestimenta *fashion* ou forma corporal não são critérios logicamente fundados, ou seja, legítimos, para impedir alguém de frequentar um ambiente comercial público. Não se pode explorar economicamente tal tipo de espaço comercial ou de serviços condicionando o acesso apenas para "gente bonita".

Pelo simples fato de haver o "rolezinho" nada disso se punha em questão. Comportamentos e ambientes tradutores das distinções sociais existem por todo canto da existência e o evento em questão não pretendeu ir além de seu caráter lúdico. Não era um protesto contra os males do mundo, era uma forma de procurar espantá-los por algumas horas de forma segura, alegre e num ambiente valorizado pelos desejos de consumo que todos temos em alguma medida.

A reação desmedida de donos de *shoppings*, polícia e Judiciário é que trouxe à tona o debate público sobre as distinções sociais inconstitucionais e inaceitáveis existentes no cotidiano de práticas comerciais desprovidas de

qualquer pudor humano ou democrático, feudais mais que capitalistas. Descabido totalmente na sociedade moderna presumir violência ou criminalidade na pobreza, seja na revista policial ou no acesso ao *shopping*. Gente bonita e descolada do comum e do público tem de saber acatar as leis e regras do jogo capitalista. Inconstitucional e eticamente inaceitável um centro comercial não permitir um encontro coletivo pacífico de pessoas por conta de sua condição social, étnica, de gênero, orientação sexual, padrão de consumo etc. [...]

A vida contemporânea, no Brasil e fora daqui, é cada vez mais tolerante com discriminações sociais e estéticas infundadas logicamente. Interessante notar que essa e outras liberdades públicas, valores e conceitos originais do pensamento liberal vêm, cada vez mais na contemporaneidade, sendo defendidas por forças tidas como de esquerda no quadro político. Nossos liberais estão cada vez menos liberais, cedendo à força conservadora das teses de uma direita reativa aos valores das revoluções francesa e americana.

Por outro lado, também, é um equívoco das forças de esquerda querer enxergar no “rolezinho” qualquer conduta anticapitalista. O “rolezinho” é, ou era para ser, antes de tudo um momento lúdico de afirmação do consumo e dos valores estéticos do mercado capitalista. Um desejo de inclusão nele e não de sua extinção.

SERRANO, Pedro Estevam. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/rolezinho-capitalismo-e-gente-bonita-6318.htm>>. Acesso em: 31 mar. 2014.

Propostas de redação

A – Editorial

O *editorial* é um gênero do discurso argumentativo que tem a finalidade de manifestar a opinião de um jornal, de uma revista, ou de qualquer outro órgão de imprensa, a respeito de acontecimentos importantes no cenário local, nacional ou internacional. Não é assinado porque não deve ser associado a um ponto de vista individual. Deve ser enfático, equilibrado e informativo. Além de apresentar opiniões assumidas pelo veículo de imprensa, costuma também resumir opiniões contrárias, para refutá-las.

Imagine que você seja o editor-chefe de uma revista de grande circulação nacional. Discuta fatos recentes do país que acenam para conflitos nas relações sociais, dadas as contradições historicamente construídas em torno da relação entre as experiências estéticas e o comportamento ético. Mobilize argumentos que sustentem o ponto de vista da revista, refutando argumentos contrários ao posicionamento assumido.

B – Carta aberta

De natureza persuasivo-argumentativa, o gênero *carta aberta* manifesta publicamente a opinião de uma pessoa ou de um grupo de pessoas a respeito de um problema. Tem a finalidade de persuadir um interlocutor específico a tomar consciência do problema e se mobilizar para solucioná-lo. O texto denuncia os fatos, analisa-os, sugere e reivindica ações resolutivas. Além disso, mobiliza a opinião pública para a adesão ao ponto de vista do locutor. Para isso, o locutor deve construir a imagem do interlocutor e as estratégias adequadas para convencê-lo.

Imagine que você seja um dos moradores do condomínio onde o carro da lavadeira se tornou polêmica entre os condôminos, que, por isso, exigiram uma assembleia. Diante da revolta de uns e da indignação de outros com a polêmica sobre o *status* da empregada, você resolve escrever uma carta aberta aos moradores do condomínio, expressando sua indignação com a repercussão do fato e com os argumentos apresentados por aqueles que se diziam revoltados. Como locutor da carta, você deve utilizar estratégias argumentativas e persuasivas para convencer os condôminos a adotar ações que garantam uma convivência social ética no condomínio. Para persuadir o leitor, utilize outras situações semelhantes como argumentos e discuta suas implicações de forma a mobilizar a opinião pública a acatar o seu ponto de vista em relação às formas estéticas da existência humana para a construção de um mundo mais justo e ético.

NÃO IDENTIFIQUE O REMETENTE DA CARTA.

C – Fábula

A fábula é uma narrativa ficcional quase sempre breve, de ação não muito tensa, cujas personagens, muitas vezes animais, representam características, ações e sentimentos humanos. É comum o diálogo entre elas. A fábula aponta para uma conclusão ético-moral, com ensinamentos

que encerram uma lição. É um gênero de projeção pragmática, pois vai ao encontro dos hábitos, das expectativas e das possibilidades culturais do leitor.

Escreva uma fábula em que as personagens (animais) vivam um conflito desencadeado pelo aumento crescente do número de moradores da floresta e pelas suas diferentes condições de vida. A história que você vai criar deve retratar uma situação em que as personagens estejam vivendo dramas sociais devido às contradições no entendimento das práticas éticas e de sua relação com as experiências estéticas. Isso deve ser evidenciado por meio de ações, convicções, comportamentos, relacionamentos e desejos das personagens. A moral da história deve transmitir um ensinamento a respeito das experiências estéticas para um convívio social ético.

RASCUNHO

FOLHA DE REDAÇÃO RASCUNHO

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40